

Iararana e Terras do sem fim: a violência construindo o homem sul-baiano

Fátima Santos Silva¹
Patrícia Kátia da Costa Pina²

Resumo: O objetivo maior desta pesquisa é relacionar literatura e cultura, através dos mecanismos discursivos que viabilizam uma leitura simbólica da região cacaueira: trata-se de um estudo comparativo entre *Iararana*, de Sosígenes Costa, e *Terras do sem fim*, de Jorge Amado, a partir da análise da representação literária de formas variadas de violência, as quais sugerem a construção identitária do homem sul-baiano. O problema posto por este projeto de pesquisa é responder à seguinte questão: de que maneira os mecanismos discursivos constroem, nas narrativas abordadas, a violência como instrumento de fundação da sociedade local e como aspecto da identidade masculina sul-baiana? Parto da hipótese de que as imagens construídas nas obras analisadas colocam a violência de forma dúplice: de um lado, a violência define “positivamente” o homem desbravador; de outro, aponta para a crueldade do processo de constituição histórica, cultural e política do mundo do cacau. Este projeto se justifica, então, por abrir uma possibilidade de compreensão da identidade masculina sul-baiana, aquela literariamente construída, buscando entender a linguagem narrativa utilizada pelos autores escolhidos, na recriação das

¹ Discente do Curso de Letras, do Departamento de Letras e Artes, na Universidade Estadual de Santa Cruz, bolsista do PROIIC/UESC. *E-mail:* fatletras@gmail.com.

² Professora Doutora do Curso de Letras, do Departamento de Letras e Artes, na Universidade Estadual de Santa Cruz. *E-mail:* dacostapina@gmail.com.

formas de violência que possibilitaram as conquistas e, por conseguinte, o poderio na região. A importância da implementação desta proposta reside exatamente na ideia de se pesquisar a literatura em suas relações transitivas com a cultura local. Para tanto, estão sendo estudados teóricos como Bakhtin, Rui Facó, José Paulo Paes, Walter Boechat, Stuart Hall, Flávio Gikovate, Gilfrancisco, entre outros.

Resumen: El objetivo mayor de esta pesquisa es relacionar literatura y cultura, a través de los mecanismos discursivos que hacen viable una lectura simbólica de la región del cacao: se trata de un estudio comparativo entre *Iararana*, de Sosígenes Costa, y *Terras do sem fim*, de Jorge Amado, a partir del análisis de la representación literaria de formas variadas de violencia, en las cuales sugieren la construcción de la identidad del hombre del sur de Bahia. El problema puesto por este proyecto de pesquisa es: ¿de qué manera los mecanismos discursivos construyen, en las narrativas abordadas, la violencia como instrumento de fundación de la sociedad local y como aspecto de la identidad masculina del sur de Bahia? Parto de la hipótesis de que las imágenes construidas en las obras analizadas ponen la violencia de forma doble: de un lado, la violencia determina como “positivo” el hombre desbravador; de otro, apunta para la crueldad del proceso de constitución histórica, cultural y política del mundo del cacao. Este proyecto se justifica, entonces, por abrir una posibilidad de comprensión de la identidad masculina del sur de Bahia, aquella construida por la literatura, buscando entender el lenguaje narrativo aprovechado por los autores elegidos, en la recriación de las formas de violencia que posibilitaron las conquistas y, por

consiguiente, el poderío en la región. La importancia de la implementación de esta propuesta estriba exactamente en la idea de investigarse la literatura en sus relaciones transitivas con la cultura local. Para eso, siguen siendo estudiados autores como Bajtín, Rui Facó, José Paulo Paes, Walter Boechat, Stuart Hall, Flávio Gikovate, Gilfrancisco entre otros.

A sociedade sul-baiana é historicamente marcada pela violência da colonização e das conseqüentes tentativas de cultivo da terra, independência econômica e manutenção das populações locais. Índios e europeus lutaram por séculos, de forma sangrenta, tentando assegurar, cada grupo para si, a posse das terras. No século XVI, as tribos naturais da região (Tupinikin, Kamakã-Mongoió e Aimorés) queimaram engenhos e fazendas, cercaram a vila de Ilhéus e mantiveram refugiados em situação de fome e desespero. No século XVIII, moravam na vila de Ilhéus cerca de 1227 pessoas, cuja segurança deveria ser garantida por um Corpo de Ordenanças, criado em 1756. Nessa época, os aldeamentos indígenas forneciam a mão de obra para os exploradores. Na segunda metade do século XIX, começa um caminho de possível enriquecimento e redenção para Ilhéus: o do plantio do cacau (FREITAS; PARAÍSO, 2001, p. 20-84).

Daí, do plantio sistemático do cacau, de sua comercialização, começa a surgir uma sociedade diferenciada, com marcas próprias, marcas estas que a literatura ajudou a construir e a cristalizar, reinventando um diálogo com o cotidiano regional.

No século XX, existiu nessa região um grupo de escritores que tinham entre seus ideais o compromisso de

manter viva, através da literatura, a cultura local com todas as suas peculiaridades (SEIXAS, 2004, p. 145). Percebe-se então que Sosígenes Costa e Jorge Amado reinventam em *Iararana* e em *Terras do sem fim*, respectivamente, personagens típicas desse pedaço de chão, dentre elas o homem-sul baiano, que vai ser imaginado com ênfase na violência presente em seus atos.

Isso nos remete a um importante propósito da literatura, que é manter vivos traços socioculturais e aspectos característicos de determinada região. Para isso, o autor recria fatos históricos e personagens, de maneira que o leitor se sinta representado por estes. Assim, o indivíduo reconhece sua “essência” na obra, identificando-se como pertencente a determinada cultura.

Segundo Stuart Hall (2002), a construção identitária de determinado indivíduo se dá através da convivência deste com a sociedade. Desta forma, as características que compõem a identidade masculina não serão intrínsecas ao nascimento da criança do sexo masculino, mas serão adquiridas ao longo do tempo, atendendo às exigências culturais do meio em que está inserida.

Sendo assim, as características que compõem o “ser homem” serão distintas, tanto de acordo com a região, como de acordo com a idade, com as funções exercidas pelo indivíduo e por inúmeros fatores, pois as identidades não são fixas. Antigamente se acreditava que as identidades eram estabelecidas pelo divino, portanto não poderiam ser questionadas nem desrespeitadas. Atualmente, a visão é diferente, já se sabe, por exemplo, que existe mais de uma identidade para cada pessoa e que elas se alternam de acordo com a exigência social (HALL, 2002, p. 21-25).

É interessante observar que a relação de aprendizagem identitária se dá na questão da violência. Segundo José Pereira (1975, p. 33), “o comportamento agressivo individual é apreendido e não herdado. E a sociedade é a grande professora”. Podemos observar aqui que o autor citado dá a violência como adquirida no convívio com a sociedade. Trata-se de uma questão própria da cultura e não da pessoa do sexo masculino; na verdade, é construída pelos grupos sociais, ou seja, a violência compõe a identidade masculina.

Partindo daí, observamos inicialmente que Sosígenes Costa funde, em *Iararana*, as temporalidades relativas ao descobrimento do Brasil e à fundação da sociedade cacauera, através da representação simbólica de um misto de colonizador europeu e coronel do cacau na figura de Tupã-cavalo, ser mítico que, por meio da violência, doma as águas e as terras, tomando-as para si.

Assim, por meio da violência, vemos construída a identidade masculina e recriada a história da aquisição de poder e das terras na região sul-baiana. Nessa obra, o primeiro ato de violência é "mágico": o estupro da Mãe-d'água por Tupã-Cavalo:

Tupã-Cavalo ficou logo apaixonado,
passou junto da camboa,
se escondeu na cana brava
e pegou a mãe-d'água na coroa.

Foi daí que nasceu o samba:
olha o fogo no canaviá

E a mãe-d'água gritou muito
mas o bicho a levou pra cana brava.

Pegou fogo na cana brava,
fogo pegou no canaviá!

Muito grito se ouviu na cana brava,
na cana brava pegou fogo
e quando o bicho apareceu
como morta a iara estava (COSTA, s.d., p. 41).

Aqui, é possível fazer duas leituras: a primeira se refere ao estupro (figura do fogo e do grito) da Iara enquanto violação da cultura local. Sosígenes Costa faz neste trecho do poema “uma contundente crítica ao processo de colonização, retomando a idéia de estupro ou de violação de uma raça” (SEIXAS, 2004, p. 150); a segunda nos permitiria afirmar que com o estupro da Iara (mãe-d’água), Tupã-Cavalo passa a adquirir o domínio da “filha”, ou seja, o domínio das águas. Considerando que o cacau é uma árvore de terras úmidas, compreendemos que a partir desse estupro surge a lavoura de cacau e este, por sua vez, seria fruto da violência.

É possível afirmar também que o fogo representa a intensidade da violência masculina; a paixão sexual instintiva e desenfreada, uma vez que Tupã-Cavalo viu a Iara e logo quis possuí-la sem se importar com o que ela desejava; além da demonstração de superioridade e poder.

Além disso, percebe-se no estupro a imposição da força, da vontade e do desejo masculino sobre o feminino. Um dos motivos para a presença marcante da violência na identidade masculina é a imposição do poder, do domínio e conseqüente subjugação do outro. Walter Boechat (1997) sugere que essa tática funciona como

autoafirmação da identidade e tentativa de manutenção da mesma, uma vez que aquele que fugir aos padrões sociais impostos terá sua virilidade questionada.

Nesse sentido de imposição, vemos que, em *Terras do sem fim*, Jorge Amado recria as relações de poder entre o possuidor das terras e os trabalhadores.

- Meto bala no primeiro que der um passo...

[...]

Juca Badaró atirou, novo raio atravessou a noite.

[...]

A bala atravessara o ombro. Juca Badaró falou com a voz muito calma:

- Não atirei para matar, só para mostrar que vocês têm que obedecer...

(AMADO, s.d., p. 46).

Considerando que “o homem luta pela posse, bem como pelo maior prestígio possível” (PEREIRA, 1975, p. 38), pode-se concluir que um dos motivos desencadeadores para a violência é o desejo de possuir as terras e o “respeito” dos seus semelhantes. Porém, o ser humano não se permite ser subjugado por outro passivamente. Nesse sentido, Juca Badaró só conseguiria alcançar seu objetivo através da violência. Sendo assim, ela se torna um atributo imprescindível na construção identitária masculina, uma vez que dominar é para o homem “uma necessidade quase instintiva” (PEREIRA, 1975, p. 38).

Em *Irarana*, a conquista das terras e das matas se deu de igual maneira, Tupã - Cavalo “fez guerra aos cabocos do mato/ e venceu os cabocos e escorraçou o Pai-do-mato/ e ficou no lugar dele e se chamou dono

da gente” (PEREIRA, 1975, p. 34). Através da violência, Tupã-Cavalo domina as terras e as matas, subjugando os caboclos aos seus serviços. Ao escorraçar o pai-do-mato, ele mais uma vez violentou a cultura local. Sendo assim, o poder aqui não está ligado apenas à sua aquisição através das terras, mas também através da subjugação de uma cultura e da imposição de outra.

Em *Terras do sem fim*, o narrador amadiano compara a mata a uma “virgem cuja carne nunca tivesse sentido a chama do desejo” (AMADO, s.d., p. 42). Também é evocada por Amado a figura do grito, como foi por Costa (estupro da Mãe D’água), porém aqui ela não representa, inicialmente, a violação da mata, mas sim os sons de seus habitantes naturais. Podemos conferir a seguir: “E seus gritos não eram ainda anunciadores de desgraças já que os homens ainda não haviam chegado na mata” (AMADO, s.d., p. 42).

Todas essas manifestações de violência tão fortemente destacadas na identidade masculina têm uma razão muito forte: a luta por terra, prestígio e poder. No caso específico da região sul-baiana, temos no cacau um grande fator para ativar esse desejo de poder, uma vez que ele era considerado o fruto de ouro e durante muito tempo a região de seu plantio ficou conhecida como uma região muito rica. Eram realizadas festas em comemoração às boas safras ou ao bom preço desse fruto, porém essa realidade comemorativa não pertencia a todos; a verdade é que a oscilação no preço do cacau e a força da safra – que se mede em números de sacos de quatro arrobas – somente não interessava ao homem que planta, colhe e limpa o cacauero: para ele a miséria é sempre a mesma, não sofre oscilações (AMADO apud

MATTOS, 2004, p. 73).

O trabalho semiescravo foi uma dura realidade durante muito tempo para o homem dessa região. Apenas quem tivesse coragem de matar conseguia um pouco mais de respeito e de dinheiro, porque “Homem que não mata não tem valia pro coronel” (AMADO, s.d., p. 24). Embora trabalhar de jagunço significasse colocar a vida em risco, quem se destacasse nesta “arte” trabalharia menos e ganharia mais, além de ter direito a algumas regalias como, por exemplo, permissão para visitar as rameiras.

Segundo Cyro de Mattos (2004), todo funcionamento da região sul-baiana estava ligado à renda proporcionada pelo cacau, portanto eram os coronéis quem mandavam e detinham o poder neste pedaço de chão e para conseguir respeito só se utilizando da força.

Aquelas mãos, que durante muito tempo manejaram o chicote quando o coronel era apenas um tropeiro de burros, empregado de uma roça do Rio do Braço. Aquelas mãos manejaram depois a repetição quando o coronel se fez conquistador da terra (AMADO, s.d., p. 47).

O fragmento acima se refere ao Coronel Horácio da Silveira; observe que ele só se tornou um coronel respeitado quando aprendeu a manejar a repetição, que é um tipo de arma, ou seja, somente depois de aprender a matar é que ele desenhou os caminhos de seu poder na região sul-baiana.

Diante do exposto, é possível observar que a violência é tida nas obras analisadas de forma dúplice: de um lado, ela define “positivamente” o homem desbravador,

afinal a região se tornou economicamente conhecida por causa das grandes vendas de cacau.

Sosígenes Costa trabalha isso quando põe em sua obra o povo recebendo Tupã – Cavalo com muita festa porque ele “tinha posto o cacau na coroa da lua / e o menino chamava a lua dindinha / e o cacau agora passou a ser um deus na terra / só se falava em cacau” (COSTA, s.d., p. 86). Observe que mesmo sendo violentado, o povo festeja seu algoz e o motivo é o prestígio dado à região através do cacau.

Por outro lado, aponta para a crueldade do processo de constituição histórica, cultural e política do mundo do cacau. Sendo assim, junto com a boa fama de riqueza vem também a de “atos de bravuras nas terras semibárbaras de São Jorge dos Ilhéus” (AMADO, s.d., p. 21) [grifo nosso].

Por fim, observa-se que essa relação de duplicidade para as formas violentas é percebida em ambas as obras analisadas. Portanto, vale ressaltar que o ambiente de crescimento e domínio econômico associado ao respeito e obediência desejados exigia do homem sul-baiano um comportamento violento. E esse, por sua vez, contribuiu para o desenvolvimento político, social e econômico deste pedaço de chão.

Referências

AMADO, Jorge. **Terras do sem fim**. São Paulo, Círculo do Livro, S/D.

BOECHAT, Walter. Arquétipos masculino: “animus mundi”. In: BOECHAT, Walter. (org.) **O masculino em questão**. Petrópolis – RJ, Vozes, 1997.

COSTA, Dias da. “Um Poeta”. In.: COSTA, Sosígenes. **Crônicas e poemas recolhidos**. Salvador: Fundação Cultural de Ilhéus, 2001.

FREITAS, A. F. G. de; PARAÍSO, M. H. B. **Caminho ao encontro do mundo**: a capitania, os frutos de ouro e a Princesa do Sul. Ilhéus – BA: Editus, 2001.

GIKOVATE, Flávio. **Homem**: o sexo frágil? 5 ed. São Paulo: MG Editores, 1943.

HALL, Stuart. **A identidade na pós-modernidade**. 3 ed. Rio de Janeiro, DP&A, 1999.

MATTOS, Cyro de. “Informação de Sosígenes Costa”. In: FONSECA, Aleilton; MATTOS, Cyro (org.). **O triunfo de Sosígenes Costa**: estudos, depoimentos e antologia. Ilhéus, BA: Editus/UEFS, 2004.

PEREIRA, José. **Violência**: uma análise do “homo brutalis”. São Paulo: Alfa – Omega, 1975.

SEIXAS, Cid. Iararana, um documento dos anos 30. In: FONSECA, Aleilton; MATTOS, Cyro (org.). **O triunfo de Sosígenes Costa**: estudos, depoimentos e antologia. Ilhéus, BA: Editus/UEFS, 2004.

